



RINOCERONTE — a vítima dos caçadores na África e taxado Cr\$ 5.000,00 por cabeça.

NAIROBI, (ANSA) — Bryan Dempster, famoso caçador de crocodilos, matou 400 crocodilos numa temporada só, mas ninguém sabia em que parte do Continente Negro ele realizou o morticínio daqueles monstruosos répteis, aos quais parece ter dedicado a sua existência.

Talvez mais que a qualquer outro, o perturbasse a dramática contradição de profissão: um amor secreto pelas feras e o invenível desejo de matá-las. Soube-se depois que Bryan Dempster encontrou em Kariba, seu infernal paraíso: o Zambeze "ferve" pela presença daqueles b'chos, e ele, em 20 dias, matou 170. Fugiu, porém, indignado ao chegarem os primeiros engenheiros que projetavam a construção do grande dique, porque — disse — impediriam aos crocodilos gozar daquele remoto ângulo de mundo pré-histórico.

Ele se considera de fato menos culpado que os técnicos, que pretendiam alterar o aspecto primitivo da África elaborando um projeto de trabalho e de bem-estar.

Nos pântanos autênticos caçadores brancos, como Dempster, possuídos pelo demônio da aventura, o ódio pelo progresso técnico alcança o furor; eles têm saudade da África Virgem, dos tempos em que o continente se abria inteiramente à sua audácia e nenhuma lei li-

É BARATO MATAR FERAS NA ÁFRICA

O "SAFARI" UM NEM EMOÇÃO E NEM PERIGO NAS GRANDES CAÇADORAS UM RINOCERONTE É TAXADO

mitava a sua atividade. Hoje, com tôdas as restrições legais do tempo e de lugar, a caçada tornou-se um esporte para sedentários. A caravana percorre pistas seguras, atrás das estafetas negras que sabem indicar o lugar exato em que se acha a fera que, após farta refeição, está dormindo profundamente e que a descarga da arma surpreende indefesa.

Os únicos caçadores "puros" que sobram na África são os indígenas que matam para defender-se ou alimentar-se. Eles combatem segundo a praxe das próprias feras. O leão, o leopardo, a onça não atacam o homem nem os outros animais selvagens, a não ser para defender-se ou comer. Nunea por crueldade. A caça como esporte, isto é, sem



A furiosa luta em plena selva africana.

ESPORTE RENDOSO

DE HOJE — LEÕES PODEM SER ABATIDOS GRATIS, MAS EM CINCO MIL CRUZEIROS.

uma necessidade bem determinada, é uma importação do homem branco, e, de fato, os indígenas chamam "White hunter" (caçador branco) o organizador do "Safari", a caçada em grande estilo.

Na África todos os animais têm um preço; uma vez pago este preço, o caçador pode matá-los com a consciência tranqüila. De fato, assim contribuem para encher as caixas governamentais que com os impostos sobre os animais mortos financiam os parques nacionais para a conservação da espécie.

Não se pode dizer se com o tempo os "safari" destruirão completamente os leões, os crocodilos, os elefantes, etc., do Continente Negro. Mas, considerando-se as rijas leis que



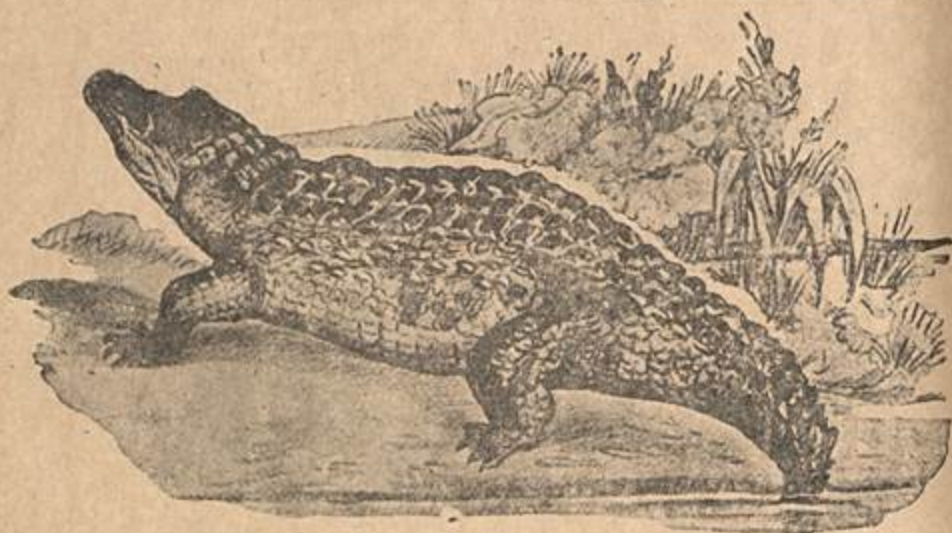
A Girafa, outra vítima dos caçadores na África.

agora governam a caça e o cuidado com que, em todo lugar, se abrem parques nacionais para tutelar a fauna local da devoradora paixão dos caçadores, dir-se-ia que não está longe o dia em que as grandes caçadas serão proibidas na África. Os sintomas já aparecem nas zonas mais danificadas pelo esnobismo mundial: Uganda, Quênia, Tanganica, as regiões onde os milionários do mundo todo iam para caçar, atraídos por uma superorganização turística e uma literatura muito popular.

Hemingway ambientou alguns contos entre o Kilimandjaro e o monte Quênia, e o cinema confiou ao prestígio de Ava Gardner, Clark Gable e Gregory Peck o papel daqueles personagens envolvidos em dramáticas aventuras de caça na mata virgem africana. Nos últimos anos, os caçadores brancos multiplicaram-se e em certas épocas, no Quênia, se realizaram até 40 safaris contemporaneamente. Os resultados são evidentes: as poucas feras que sobreviveram à chacina estão quase todas guardadas nos parques nacionais. Hoje a superorganização garante qualquer assistência e conforto ao turista: feras e até mesmo a arma infalível, a espingarda do "White hunter", do organizador, que intervém quando o cliente não alcança o alvo. O cliente, portan-



do da revista portuguesa "A CAÇA".



CROCODILO — é um dos animais cuja taxa é baratíssima para os caçadores na África.

to, não corre nenhum perigo porque a espingarda do organizador, como dissemos, não pode errar. Um "safari" não custa muitíssimo. Para acompanhar dois homens que pretendem caçar, movimentam-se vinte pessoas: choferes, erizados, carregadores, mateiros, e petitos pretos para tirar couro das feras.

O campo, formado por toldos racionais e confortáveis, é autosuficiente, com rádio, frigorífico, cozinha, bar, coleções de borracha e poltronas. Os preços são mais ou menos iguais na África equatorial toda: mais ou menos três contos por dia por um só freguês, e um pouco mais para mais fregueses. Na Somália, onde as caçadas são organizadas industrialmente, e as presas abundam, os preços dos "safari" são ainda menores aos da Uganda, Quênia e Tanganica.

Os clientes têm de pagar os chamados "direitos especiais" ao governo local. Trata-se de preços estabelecidos para os animais que, como se sabe, vivem naquelas zonas, e que o caçador pretende matar. O preço não se estabelece conforme o número das feras. Na Somália, por exemplo, os leões não são numerosos. Todavia, qualquer pessoa pode matá-los sem pagar os "direitos". O animal mais caro é o rinoceronte (consente-se além disso, matar somente um macho, por cinco contos cada exemplar). Podem-se matar apenas dois elefantes (machos) por 4.5 contos cada um. Os outros animais têm preços ainda mais baratos, o avestruz e a zebra são baratísimos. O crocodilo ainda mais barato. Antílopes, ga-

linhas selvagens, antas e leões podem-se matar grátis.

Um caçador que quer organizar um "safari" por si só, gasta mais ou menos quinhentos contos (inclusive a viagem), e volta à casa carregando troféus: dentes de elefantes, o chifre precioso do rinocerante, couro de crocodilo, peles de onça e leopardo e uma quantidade de bugigangas para dar de presente aos amigos. Os restos, toneladas de carne inútil, ficam à voracidade e à fome das outras feras.

Os mais assíduos clientes do "safari" são os americanos, os ingleses, os alemães do Norte, os povos que se dizem mais zoológicos, os indivíduos que não comem passarinhos. Indivíduos que interpretam ao pé da letra este "slogan", sem reparar na sua amarga ironia: "Se um homem matar um animal, isto se chama esporte; se um animal matar um homem, isso é ferocidade".



FAUNA



Orgão Mensal do Caçador e Pescador Nacional



ANO XIX — N.º 5 — MAIO DE 1960 — PREÇO Cr\$ 20,00
(Fundada no Ano de 1942)